



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA BENTO XVI AO REINO UNIDO
(16-19 DE SETEMBRO DE 2010)

SANTA MISSA

*Catedral do Preciosíssimo Sangue
de Nosso Senhor Jesus Cristo - City of Westminster
Sábado, 18 Setembro de 2010*

(Vídeo)

Homilia do Santo Padre

Saudação aos Jovens

Saudação e bênção ao povo de Gales

HOMILIA DO SANTO PADRE

Estimados amigos em Cristo!

Saúdo todos vós com alegria no Senhor e agradeço-vos o caloroso acolhimento, e estou grato ao Arcebispo Nichols pelas palavras de boas-vindas que me dirigiu em vosso nome.

Verdadeiramente, no presente encontro do Sucessor de Pedro com os fiéis da Grã-Bretanha, «o coração fala ao coração», fazendo-nos rejubilar no amor de Cristo e na nossa comum profissão da fé católica que nos foi transmitida pelos Apóstolos.

Estou particularmente feliz pelo facto de que o nosso presente encontro se realiza nesta Catedral dedicada ao Preciosíssimo Sangue, que é o sinal da misericórdia redentora de Deus, derramada

sobre o mundo mediante a paixão, a morte e a ressurreição do seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo. Dirijo uma saudação particular ao Arcebispo de Canterbury, que nos honra com a sua presença aqui.

O visitante desta Catedral não pode deixar de ficar impressionado diante do grande Crucifixo que domina sobre a nave, representando o Corpo de Cristo esmagado pelo sofrimento, dominado pela dor, vítima inocente cuja morte nos reconciliou com o Pai e nos permitiu participar na própria vida de Deus. Os braços abertos do Senhor parecem abraçar esta igreja inteira, elevando ao Pai os exércitos de fiéis que se congregam ao redor do altar do Sacrifício eucarístico e participam dos seus frutos. O Senhor crucificado está acima de nós e diante de nós, como a nascente da nossa vida e da nossa salvação, «o sumo sacerdote dos bens futuros», como o define o autor da Carta aos Hebreus na primeira leitura de hoje (cf. 9, 11).

É, por assim dizer, à sombra desta imagem impressionante que eu gostaria de me referir à palavra de Deus que foi proclamada no meio de nós e ponderar a respeito do mistério do Sangue Precioso, porque este é o mistério que nos leva a reconhecer a unidade entre o sacrifício de Cristo na Cruz, o Sacrifício eucarístico que Ele concedeu à sua Igreja, e o seu Sacerdócio eterno, por meio do qual, sentado à direita do Pai, Ele não cessa de interceder por nós, membros do seu Corpo místico.

Começamos pelo sacrifício da Cruz. O jorrar do sangue de Cristo constitui a nascente da vida da Igreja. Como sabemos, São João vê na água e no sangue que jorram do corpo de nosso Senhor o manancial daquela vida divina que é conferida pelo Espírito Santo e que nos é comunicada nos sacramentos (cf. *Jo* 19, 34; cf. *1 Jo* 1, 7; 5, 6-7). A Carta aos Hebreus extrai, poderíamos dizer, as implicações litúrgicas deste mistério. Através do seu sofrimento e da sua morte, da sua auto-entrega no Espírito eterno, Jesus tornou-se o nosso sumo Sacerdote e «o mediador de uma nova aliança» (9, 15). Estas palavras evocam as mesmas palavras proferidas pelo Senhor na última Ceia, quando Ele instituiu a Eucaristia como sacramento do seu corpo, oferecido por nós, e do seu sangue, o sangue da nova e eterna aliança derramado pela remissão dos pecados (cf. *Mc* 14, 24; *Mt* 26, 28; *Lc* 22, 20).

Fiel ao mandato de Cristo: «Fazei isto em memória de mim» (*Lc* 22, 19), a Igreja em todos os tempos e lugares celebra a Eucaristia, até que o Senhor volte na glória, alegrando-se na sua presença sacramental e haurindo da força do seu sacrifício de salvação para a redenção do mundo inteiro. A realidade do Sacrifício eucarístico esteve sempre no âmago da fé católica; posta em discussão no século XVI, ela foi solenemente confirmada durante o Concílio de Trento, no contexto da nossa justificação em Cristo. Como sabemos, aqui na Inglaterra muitas pessoas defenderam intrepidamente a Missa, muitas vezes pagando um preço elevado, sacrificando a vida por aquela devoção à Santíssima Eucaristia, que constituiu uma característica do catolicismo nestas terras.

O Sacrifício eucarístico do Corpo e Sangue de Cristo engloba, por sua vez, o mistério da Paixão de nosso Senhor, que continua nos membros do seu Corpo místico, a Igreja em todas as épocas. O grande crucifixo sobranceiro recorda-nos que Cristo, nosso eterno sumo Sacerdote, une quotidianamente os nossos sacrifícios, sofrimentos, necessidades, esperanças e aspirações aos méritos infinitos do seu sacrifício.

Por Ele, com Ele e n'Ele, nós elevamos os nossos corpos como uma oferta santa e agradável a Deus (cf. *Rm* 12, 1). Neste sentido, estamos encerrados na sua eterna oblação, completando, como afirma São Paulo, na nossa carne aquilo que falta aos sofrimentos de Cristo a favor do seu corpo, que é a Igreja (cf. *Cl* 1, 24). Na vida da Igreja, nas suas provas e tribulações, Cristo continua, segundo a incisiva expressão de Pascal, a estar em agonia até ao fim do mundo (*Pensées*, 553, ed. Brunschvicg).

Vemos representado da forma mais eloquente este aspecto do mistério do precioso Sangue de Cristo nos mártires de todos os tempos, que beberam do cálice do qual o próprio Cristo bebeu, e cujo sangue, derramado em união ao seu sacrifício, confere nova vida à Igreja. Isto reflecte-se nos nossos irmãos e nas nossas irmãs no mundo inteiro, que ainda hoje padecem discriminações e perseguições por causa da sua fé cristã. Mas está também presente, muitas vezes escondido nos sofrimentos de todos aqueles cristãos individualmente que, no dia-a-dia, unem os seus sacrifícios às oblações do Senhor para a santificação da Igreja e a redenção do mundo. Dirijo o meu pensamento de maneira particular a todos aqueles que estão espiritualmente unidos a esta Celebração eucarística, de forma particular os doentes, os idosos, os portadores de deficiência e quantos sofrem na mente e no espírito.

Penso aqui também nos imensos sofrimentos causados pelo abuso contra as crianças, especialmente na Igreja e por parte dos seus ministros. Manifesto sobretudo a minha profunda dor às vítimas inocentes destes crimes inqualificáveis, juntamente com a esperança de que o poder da graça de Cristo, o seu sacrifício de reconciliação, proporcione purificação e paz às suas vidas. Juntamente convosco, reconheço também a vergonha e a humilhação que todos nós sofremos por causa daqueles pecados; convido-vos a oferecê-las ao Senhor, com a confiança de que este castigo venha a contribuir para a cura das vítimas, para a purificação da Igreja e para a renovação da sua tarefa secular de formação e de cuidado pelos jovens. Exprimo a minha gratidão pelos esforços envidados para enfrentar este problema de maneira responsável, enquanto peço a todos vós que manifesteis a vossa solicitude pelas vítimas e a solidariedade para com os vossos sacerdotes.

Estimados amigos, voltemos à contemplação do grande crucifixo que impera sobre nós. As mãos de nosso Senhor, abertas na Cruz, convidam-nos a contemplar também a nossa participação no seu sacerdócio eterno e a responsabilidade que temos, enquanto membros do seu corpo, de anunciar ao mundo em que vivemos o poder reconciliador do seu sacrifício. O [Concílio Vaticano II](#) falou de maneira eloquente do papel indispensável do laicado, de fazer progredir a missão da

Igreja, através do esforço de agir como fermento do Evangelho no meio da sociedade, trabalhando pelo progresso do Reino de Deus no mundo inteiro (cf. *Lumen gentium*, 31; *Apostolicam actuositatem*, 7).

A exortação do Concílio aos fiéis leigos, a assumir o seu compromisso baptismal participando na missão de Jesus Cristo, evoca as intuições e os ensinamentos de John Henry Newman. Possam as profundas ideias deste grande inglês continuar a inspirar todos os seguidores de Cristo nestas terras a conformar com Ele todos os seus pensamentos, palavras e obras, e trabalhar intrepidamente para defender aquelas verdades morais imutáveis que, retomadas, iluminadas e corroboradas pelo Evangelho, estão na base de uma sociedade verdadeiramente humana, justa e livre.

Como tem necessidade deste testemunho a sociedade contemporânea! Como precisamos nós, na Igreja e na sociedade, de testemunhas da beleza da santidade, testemunhas do esplendor da verdade, testemunhas da alegria e da liberdade que nascem de um relacionamento vivo com Cristo! Um dos maiores desafios que temos de enfrentar nos dias de hoje é como falar de maneira convincente da sabedoria e do poder libertador da palavra de Deus a um mundo que, demasiadas vezes, vê o Evangelho como um limite para a liberdade humana, e não como uma verdade que liberta as nossas mentes e ilumina os nossos esforços para vivermos de modo sábio e bom, quer como indivíduos quer como membros da sociedade.

Por conseguinte, rezemos a fim de que os católicos destas terras se tornem cada vez mais conscientes da sua dignidade de povo sacerdotal, chamado a consagrar o mundo a Deus mediante uma vida de fé e de santidade. E possa este crescimento de zelo apostólico ser acompanhado por um aumento de oração pelas vocações ao sacerdócio ministerial. Quanto mais se desenvolve o apostolado dos leigos, tanto mais é urgente e sentida a necessidade de presbíteros, e quanto mais o laicado aprofunda a consciência da vocação que lhe é específica, tanto mais se torna evidente o que é próprio do sacerdote. Possam numerosos jovens destas terras encontrar a força para responder à chamada do Mestre ao sacerdócio ministerial, oferecendo as suas vidas, as suas energias e os seus talentos a Deus, edificando deste modo o seu povo na unidade e na fidelidade ao Evangelho, especialmente através da celebração do Sacrifício eucarístico.

Prezados amigos, nesta Catedral do Preciosíssimo Sangue, convido-vos mais uma vez a olhar para Cristo, autor e aperfeiçoador da nossa fé (cf. *Hb* 12, 2). Peço-vos que vos unais mais plenamente ao Senhor, participando no seu sacrifício na Cruz e oferecendo-lhe este «culto espiritual» (cf. *Rm* 12, 1) que abrange todos os aspectos da nossa vida e se manifesta no compromisso de contribuir para o advento do seu Reino. Rezo a fim de que, agindo deste modo, possais unir-vos às plêiades de fiéis da longa história cristã destas terras, construindo uma sociedade verdadeiramente digna do homem, digna das mais nobres tradições da vossa Nação.

SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE
AOS JOVENS NA CATEDRAL DE WESTMINSTER

Senhor Uche

Queridos amigos jovens!

Obrigado pela vossa calorosa saudação! «O coração fala ao coração» — *cor ad cor loquitur* — como sabeis, escolhi estas palavras tão amadas pelo Cardeal Newman como tema da minha visita. Nestes poucos momentos em que estamos reunidos, desejo falar-vos de coração e pedir-vos que abrais o vosso àquilo que vos direi.

Peço a cada um de vós, antes de tudo, que olheis dentro do próprio coração. Pensai em todo o amor para cuja recepção o vosso coração foi criado e em todo o amor que ele é chamado a oferecer. Concluindo, fomos criados para amar. A Bíblia intui isto quando afirma que fomos criados à imagem e semelhança de Deus: fomos feitos para conhecer o Deus do amor, o Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, e para encontrar a nossa realização plena naquele amor divino que não conhece início nem fim.

Fomos criados para receber amor e de facto temo-lo. Todos os dias deveríamos dar graças a Deus pelo amor que já recebemos, o amor que nos tornou o que somos, o amor que nos mostrou o que é verdadeiramente importante na vida. Devemos agradecer ao Senhor o amor que recebemos das nossas famílias, amigos, professores e de todas as pessoas que na vida nos ajudaram a compreender como somos preciosos, aos seus olhos e aos olhos de Deus.

Fomos criados também para doar amor, para fazer do amor a inspiração de todas as nossas actividades, a realidade mais duradoura da nossa vida. Às vezes isto parece tão natural, especialmente quando sentimos a euforia do amor, quando os nossos corações estão cheios de generosidade, idealismo, desejo de ajudar os outros, de construir um mundo melhor. Contudo, ao mesmo tempo, damo-nos conta de que amar é difícil: os nossos corações podem endurecer-se facilmente através do egoísmo, da inveja e do orgulho. A Beata Madre Teresa de Calcutá, a grande Missionária da Caridade, recordava-nos que dar amor, amor puro e generoso, é o fruto de uma decisão quotidiana. Todos os dias devemos escolher amar e isto requer uma ajuda, a ajuda que provém de Cristo, da oração, da sabedoria que se encontra na sua palavra e da graça que Ele infunde em nós por intermédio dos sacramentos da sua Igreja.

Esta é a mensagem que desejo partilhar convosco hoje. Peço-vos que olheis dentro do vosso coração todos os dias, a fim de encontrar a fonte de todo o amor autêntico. Jesus está sempre ali, esperando tranquilamente que nos possamos unir a Ele e escutar a sua voz. No profundo do

vosso coração chama-vos a transcorrer algum tempo com Ele na oração. Todavia este tipo de oração, a verdadeira oração, requer disciplina: exige que encontremos um momento de silêncio todos os dias. Com frequência, significa esperar que o Senhor nos fale. Também entre as ocupações e o stress da nossa vida quotidiana temos necessidade de dar espaço ao silêncio, porque é no silêncio que encontramos Deus, e é no silêncio que descobrimos quem realmente somos. E assim, descobrimos a vocação particular que Deus nos confiou para a edificação da sua Igreja e a redenção do nosso mundo.

O coração fala ao coração. Com estas palavras pronunciadas com o meu coração, queridos jovens amigos, garanto as minhas orações por vós a fim de que as vossas vidas dêem frutos abundantes para o crescimento da civilização do amor. Peço-vos também que rezeis por mim, pelo meu ministério de sucessor de Pedro e pelas necessidades da Igreja no mundo. Sobre vós, as vossas famílias e os vossos amigos, de coração invoco as bênçãos divinas de sabedoria, alegria e paz.

DISCURSO DO SANTO PADRE
AOS FIÉIS DE GALES
NA CATEDRAL DE WESTMINSTER

Venerado Irmão D. Regan

Obrigado pela calorosa saudação que me dirigiu em nome dos fiéis do país de Gales. Estou feliz por ter esta oportunidade de honrar a Nação e as suas antigas tradições cristãs, benzendo um mosaico de São David, Padroeiro do povo galês, e acendendo um círio para a imagem de Nossa Senhora de Cardigan.

David foi um dos grandes santos do século vi, aquela época de ouro de santos e missionários nestas ilhas, e por isso foi um fundador da cultura cristã que se encontra nas raízes da Europa moderna. A pregação de David era simples, mas profunda. Eis as palavras que ele, moribundo, dirigiu aos monges: «Sede felizes, conservai a fé e fazei coisas simples». São as coisas simples que revelam o nosso amor por Aquele que nos amou primeiro (cf. *1 Jo 4, 19*) e que unem as pessoas numa comunidade de fé, amor e serviço. Possa a mensagem de São David, em toda a sua simplicidade e riqueza, continuar a ressoar no país de Gales hoje, atraindo os corações do seu povo para um renovado amor a Cristo e à sua Igreja.

Na sua história secular, o povo do país de Gales distinguiu-se pela sua devoção à Mãe de Deus; isto é posto em evidência pelos numerosos lugares galeses chamados «Llanfair» — igreja de Maria. Enquanto me preparo para acender a vela sustentada por Nossa Senhora, rezo a fim de

que Ela continue a interceder junto do seu Filho por todos os homens e mulheres do país de Gales. Que a luz de Cristo continue a orientar os seus passos e a plasmar a vida e a cultura da Nação.

Infelizmente, não me foi possível ir ao país de Gales durante esta minha visita. Contudo, faço votos por que esta maravilhosa imagem, que agora retorna ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Cardigan, constitua uma recordação permanente do profundo amor do Papa pelo povo galês e da sua proximidade constante, tanto na oração como na comunhão da Igreja.

Bendith Duw ar bobol Cymru! Deus abençoe o povo galês!